

## O Papel do Milho nas Festividades Juninas: Tradição e Desafios

*The role of corn in Brazilian June festival:*

*Tradition and challenges*

Paloma de Brito Barreto<sup>1</sup>

Eraldo Medeiros Costa Neto<sup>2</sup>

Elidiomar Ribeiro Da-Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** As Festas de São João celebradas no Brasil, especialmente no Nordeste e no Centro-Oeste, combinam elementos religiosos e folclóricos em homenagem a São João Batista. Esse festival fortalece a identidade cultural, consolida vínculos comunitários e celebra a colheita do milho, interligando o calendário agrícola com a espiritualidade. Este artigo é fruto de uma atividade realizada durante a disciplina de Etnoecologia (semestre 2024.1), que é oferecida no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os alunos elegiam o tema e tratavam de escrever de forma livre, contudo, contextualizando com referências científicas. Assim, o presente estudo teve como objetivo explorar como o festival junino celebra a cultura do milho, destacando suas práticas culturais e culinárias, com base na Etnoecologia, mostrando a integração entre conhecimento tradicional, sustentabilidade agrícola e preservação cultural nas festividades. Devido à modernização, as Festas de São João têm gerado impacto econômico significativo, impulsionando o turismo e o comércio local. Entretanto, promovem mudanças socioculturais e estruturais, sobretudo em pequenas cidades do interior do Brasil. Tais mudanças suscitam discussão sobre os desafios na preservação cultural, conhecimento ancestral e diversidade agrícola, sendo necessárias iniciativas de fortalecimento e continuidade de saberes e festividades tradicionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Zea mays*, São João, Etnoecologia.

**ABSTRACT:** The role of corn in Brazilian June festival: Tradition and challenges. Especially in the Northeastern and Central-Western regions, The Brazilian Feast of Saint John combines religious and folkloric elements in honor of Saint John the Baptist. This festival strengthens cultural identity, consolidates community ties and celebrates the corn harvest, connecting the agricultural

<sup>1</sup> Bacharel em Agronomia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). ORCID Link <https://orcid.org/0009-0003-2272-1415> E-mail: [paloma.barreto.97@gmail.com](mailto:paloma.barreto.97@gmail.com)

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). ORCID Link: <https://orcid.org/0000-0003-0278-1974> E-mail: [eraldont@hotmail.com](mailto:eraldont@hotmail.com)

<sup>3</sup> Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID Link <https://orcid.org/0000-0002-3959-5078> E-mail: [elidiomar@gmail.com](mailto:elidiomar@gmail.com)

**Revista Interdisciplinar**

calendar with spirituality. This article is the result of an activity carried out during the Ethnoecology discipline (semester 2024.1), which is offered in the Postgraduate Program in Ecology and Evolution at the State University of Feira de Santana (UEFS). The students chose the theme and tried to write freely, however, contextualizing it with scientific references. Thus, this study aimed to explore how the June festival celebrates corn culture, highlighting its cultural and culinary practices, based on Ethnoecology, showing the integration between traditional knowledge, agricultural sustainability and cultural preservation in the festivities. Due to modernization, the Festas de São João have generated significant economic impact, boosting tourism and local commerce. However, they promote sociocultural and structural changes, especially in small cities in Brazil. Such changes raise discussions about the challenges in cultural preservation, ancestral knowledge and agricultural diversity, requiring initiatives to strengthen and continue traditional knowledge and festivities.

**KEYWORDS:** *Zea mays*, Saint John, Ethnoecology.

## 1. INTRODUÇÃO

Estudos culturais sobre festas populares no Brasil são de extrema relevância para entender a complexidade e a diversidade da cultura nacional. Essas festas, que incluem celebrações como o Carnaval, as festas juninas, e diversas festas regionais e locais, são práticas culturais ricas que proporcionam insights valiosos sobre a identidade, a coesão social e a dinâmica cultural do país (Marques; Brandão, 2015).

O festival de São João, celebrado em junho, é uma das festividades mais tradicionais e populares do Brasil, especialmente nas regiões Nordeste e Centro-Oeste. Com raízes que remontam às Festas Juninas trazidas ao Brasil pelos portugueses, o evento é uma celebração que mistura elementos religiosos e folclóricos em homenagem à São João Batista, mas também aos outros santos juninos (Da-Silva; Coelho, 2020). Durante o festival, as comunidades se reúnem para participar de uma série de atividades festivas (Figura 1), incluindo danças típicas, como a quadrilha, além de homenagearem o santo católico com fogueiras, balões e fogos de artifício. Acompanha uma rica gastronomia baseada no milho (*Zea mays* L. – Poales: Poaceae), com itens como pamonha, angu, polenta, mungunzá, canjica, pipoca, milho assado e cozido, bolo (Figura 2), entre outras guloseimas (Lima, 2010).

Segundo Moura Júnior *et al.* (2013), os festejos juninos desempenham um papel importante para o fortalecimento da identidade cultural e pessoal. Além disso, proporcionam a consolidação de vínculos afetivos entre as pessoas da comunidade. A festa também destaca a celebração da

**Revista Interdisciplinar**

colheita do milho, entrelaçando o calendário agrícola com a espiritualidade, refletindo práticas agrícolas e conhecimentos tradicionais que são passados de geração a geração (De Lima, 2020).

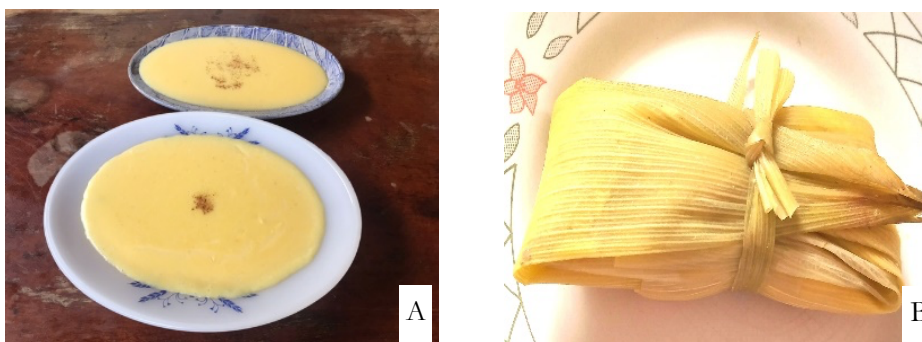
A Etnoecologia é um campo transdisciplinar que estuda interações entre seres humanos e seus ambientes naturais, esclarecendo e reconhecendo como diferentes grupos culturais se organizam, classificam e sobrevivem nos ecossistemas em que estão inseridos (Rosa & Orey, 2014). Ao focar nos conhecimentos ecológicos tradicionais e nas práticas sustentáveis desenvolvidas por comunidades ao longo do tempo, a Etnoecologia revela a profunda conexão entre práticas culturais, sociais e ecológicas.

Figura 1. Trecho de Festa Junina no Rio de Janeiro.



Fonte: Elidiomar Ribeiro Da-Silva.

Figura 2. Iguarias à base de milho comumente consumidas nas Festas Juninas: A. Canjica; B. Pamonha.



Fonte: Paloma de Brito Barreto.

**Revista Interdisciplinar**

No contexto do festival de São João, a Etnoecologia é fundamental para compreender como as comunidades celebram não apenas elementos culturais e religiosos, mas também práticas agrícolas e ambientais. As tradições associadas ao cultivo e consumo do milho, por exemplo, refletem um vasto conhecimento sobre ciclos agrícolas, manejo sustentável da terra e a importância da biodiversidade (Pedri, 2006). Assim, a Etnoecologia permite uma apreciação mais profunda do festival de São João, evidenciando como ele serve como um meio de transmissão e preservação do conhecimento ecológico e cultural, essencial para a identidade e a sustentabilidade socioeconômica das comunidades.

Diante do exposto, o presente artigo tem o objetivo de explorar como o festival de São João celebra a cultura do milho. Este artigo é fruto de uma atividade realizada durante a disciplina de Etnoecologia (semestre 2024.1), integrante do Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Os alunos elegiam o tema e tratavam de escrever de forma livre, contudo, contextualizando com referências científicas. A pesquisa e análise aqui apresentadas refletem o aprendizado e a aplicação dos conceitos adquiridos ao longo desta disciplina, que visa entender as interações entre sociedades humanas e seus ambientes naturais. A contribuição da Etnoecologia para este trabalho é fundamental, oferecendo uma perspectiva crítica e enriquecedora sobre a relação entre conhecimento tradicional, sustentabilidade agrícola e preservação da memória cultural brasileira.

**2. O MILHO**

O milho é um cereal cultivado em grande parte do mundo e extensivamente utilizado como alimento humano ou para ração animal (Figura 3), devido às suas qualidades nutricionais (Reza-Solis *et al.*, 2024). É considerado o terceiro cereal mais importante do planeta, atrás somente do arroz e do trigo (Almeida, 2011; Laws, 2013). Segundo Rebouças Neto *et al.* (2024), o uso do milho em grão como alimentação animal representa maior parte do consumo desse cereal, ou seja, cerca de 70% no mundo.

Todas as evidências científicas levam a crer que seja uma planta de origem mexicana, sendo que a sua domesticação começou há mais de 7.300 anos, possivelmente em pequenas ilhas próximas ao litoral (Fernandes, 2022).

Embora o milho seja uma única espécie botânica, e uma espécie que, normalmente, é fecundada por cruzamento, a separação geográfica, as diferenças de tempo de

florescimento, as preferências dos cultivadores nativos formaram, com o tempo, e reservaram até nossos dias, uma extraordinária variedade de formas, dificilmente igualada entre as plantas cultivadas. (Sauer, 1997, p. 59).

Há muitas variedades de milho, mas ainda é incerta a origem da forma comercial que hoje conhecemos, que não cresce em estado selvagem, precisando ser cultivada, o que torna difícil se identificar os seus possíveis ancestrais – embora se considere que o teosinto ou teosinte (*Zea* sp.), de origem mexicana, esteja relacionado à tal origem (Cabral, 2016; Guedes; Tuxen, 2020). O que se sabe é que o milho e seu sabor característico foram difundidos pelos espanhóis para França, Itália, sudeste europeu e norte da África, cabendo aos portugueses o espalhamento pelo restante da Europa e da África, além do Oriente (Guedes; Tuxen, 2020).

Figura 3. Visão parcial de um milharal.



Fonte: Paloma de Brito Barreto.

Há cerca de 4.000 anos o milho se espalhou pelas terras baixas da América do Sul, se expandindo dos Andes para leste, em direção ao litoral atlântico, a partir de uns 1.000 anos atrás. No território brasileiro, o milho já estava na alimentação dos povos indígenas, especialmente os Guarani, desde bem antes da invasão portuguesa (Fernandes, 2022; Mosquera, 2022).

A primeira menção ao milho no Brasil vem no *Relato do Piloto Anônimo* – um dos documentos sobre a viagem de Cabral em 1500 –, onde é citado várias vezes (Hue, 2008). Na produção agrícola brasileira, o milho é um cereal muito importante e constitui alimento bastante

**Revista Interdisciplinar**

celebrado, representando 40% da produção nacional de grãos. De acordo com a Associação Brasileira de Indústrias do Milho (AbiMilho), segundo Fernandes (2022), o consumo de milho começou a declinar no final da década de 1950, sendo substituído pelo de trigo. Entretanto, já a partir da segunda metade do século 20 o milho voltou a ser mais procurado, possível resultado da evolução na agricultura e do desenvolvimento de variedades de maior produtividade. Isso aumentou a qualidade do milho brasileiro, que hoje ultrapassa a marca de 100 milhões de toneladas ao ano (Fernandes, 2022).

O milho tem um alto potencial produtivo e é bastante responsivo à tecnologia. O seu cultivo geralmente é mecanizado, se beneficiando muito de técnicas modernas de plantio e colheita. A produção mundial foi 817 milhões de toneladas em 2009 – mais que arroz (678 milhões de toneladas) ou que trigo (682 milhões de toneladas). Cultivado em diversas regiões do mundo, tem como maior produtor mundial os Estados Unidos (Guth, 2019).

A importância do milho vai além da questão agrícola e histórica. No Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, o milho é peça fundamental e matéria-prima no repertório cultural do povo, desde os mais conhecidos usos relacionados à gastronomia e suas integrações sociais, até a utilização artesanal de partes da planta, como a palha da espiga (Lima, 2006) e a aplicação terapêutica popular, além de outras manifestações socioculturais (Maior, 1988; Almeida, 2011).

### **3. HISTÓRIA E SIGNIFICADO DO FESTIVAL DE SÃO JOÃO**

O festival de São João tem suas origens nas antigas celebrações pagãs europeias, especificamente as Festas Joaninas (Da Silva, 2003), que marcavam o solstício de verão, o dia mais longo do ano. Em contrapartida, no Hemisfério Sul a celebração marcava o solstício de inverno. Por sinal, trata-se da principal festa do solstício de inverno no território brasileiro (Araújo, 1967). Essas festividades eram dedicadas a diversas divindades associadas à fertilidade e à colheita, com rituais que incluíam fogueiras, danças e cantos para celebrar a abundância e garantir boas colheitas futuras (Araújo, 2013). Com a chegada do Cristianismo, a Igreja Católica incorporou essas tradições pagãs ao calendário litúrgico, transformando-as em celebrações em homenagem a santos populares, como São João Batista, cujo dia é comemorado em 24 de junho. A festa de São João, portanto, é um exemplo de sincretismo cultural, combinando elementos indígenas, africanos e europeus adaptados para atender aos novos contextos religiosos (Carvalho; Costa, 2022). Nos estandartes



**Revista Interdisciplinar**

costumeiramente presentes em tais festejos, São João é representado como um menino, geralmente louro e de cabelos cacheados, segurando um carneiro (Araújo, 1967), em alusão ao fato dele ter anunciado a chegada de Jesus, o Cordeiro de Deus (Simas, 2022).

No Brasil, os festejos passaram a ser chamados de Festas Juninas (Rocha *et al.*, 2020), se espalharam pelo território brasileiro e se adaptaram às particularidades de cada região, especialmente no Nordeste, onde se tornaram uma das principais festividades regionais. Para Ruiz (1983), as Festas Juninas são expressões vivas e coloridas da tradição festivo-religiosa do povo brasileiro. Em junho, as datas de maior destaque são aquelas de celebração a Santo Antônio de Pádua (13), São João Batista (24), São Pedro e São Paulo (29) (Da-Silva & Coelho, 2020). Nos centros urbanos, a dita civilização diminui progressivamente com o ardor da festa, que se resume em grande parte a danças, comidas e prendas. É no interior, no entanto, que se ainda se observa a força pujante do festejo (Ruiz, 1983).

A celebração nordestina das Festas Juninas é marcada por um forte cunho religioso e pelo festejo ter grande significado comunitário. Durante a festividade, entre outras funções sociais, historicamente se reforçam os laços de solidariedade e camaradagem, com o exercício do chamado compadrio (Araújo, 1967), uma demonstração de cordialidade entre compadres, vizinhos e camaradas.

De acordo com o Cristianismo, São João Batista veio ao mundo com a finalidade de preparar os caminhos para chegada do Messias através das pregações e batismos de conversão, o que deu origem ao termo Batista. Dessa forma, a celebração religiosa é realizada por meio de procissões e missas, simbolizando purificação e luz espiritual, com objetivo de louvar e agradecer ao santo (Lima, 2010; Oliveira *et al.*, 2011).

Concomitantemente, ocorrem festas comunitárias, consideradas profanas, envolvendo danças de quadrilha, fogueiras, jogos e brincadeiras, roupas e comidas típicas, licores, decoração com bandeiras, em uma atmosfera vibrante de alegria e tradição. Além disso, marcam presença elementos culturais, como o forró, a soltura de balões e a importância dos rituais agrários. Para Simas (2022), as Festas Juninas reforçam a devoção religiosa, mas também celebram a fertilidade da terra e a abundância das colheitas, especialmente a do milho, que é sujeito central para essas festividades. Não à toa os santos juninos estão entre os mais tradicionais e populares no Brasil (Casculo, 2011) – com, é claro, valiosa contribuição da época festiva em si (Da Silva, 2003).

No Hemisfério Norte, na época do paganismo, as celebrações relacionadas a fogueiras e outros ritos de fogo marcavam o solstício do verão e a evocação de divindades propiciadoras da boa colheita. Ao se misturar com o cristianismo popular, essa herança pagã se apresenta com força especial nas Festas Juninas (Simas, 2018; 2022). No Brasil, diz-se que os fogos de artifício que pipocam no dia 24 de junho, o dia de São João, são para “acordar o santo”, posto que “no seu dia, ele adormece para não ver as fogueiras em sua homenagem. Se as visse, desceria à terra, incapaz de resistir a tamanha consideração da parte dos devotos” (Da Silva, 2003). A ligação do santo com a fogueira, segundo o cristianismo popular, tem a ver com o nascimento do próprio João e de Jesus. Suas respectivas mães, as primas Isabel e Maria, teriam combinado que a que parisse primeiro mandaria fazer uma fogueira para avisar a outra. Assim, a 24 de junho, uma grande fogueira anunciou o nascimento do Batista (Ruiz, 1983; Simas, 2018), o único santo católico cujo dia de celebração é o de aniversário.

#### 4. O MILHO NAS FESTAS JUNINAS

Segundo Mendoza (2024), com o milho as populações humanas escreveram uma história de companhia mútua, lealdade e compartilhamento nas difíceis tarefas de sobrevivência. Para isso, foram criados valores, significados, mitos e rituais, que fortaleceram essa relação. O milho tornou-se o eixo sobre o qual se organizava a vida social, econômica, religiosa, política e nutricional. Para Cascudo (1998), do México ao Paraná o milho está articulado com antigos cultos pré-coloniais. Depois da mandioca, o complexo etnográfico do milho é o mais vasto, graças à projeção folclórica obtida por meio da culinária. Diversos povos indígenas brasileiros têm lendas em que pessoas sacrificadas dão origem às plantas mais utilizadas, como é o caso do milho, que teria sido originado a partir do sacrifício de um guerreiro (Cascudo, 2012).

As Festas Juninas portuguesas nasceram de um costume de celebrar a colheita do trigo (*Triticum* spp. – Poaceae) durante o verão europeu, época do inverno no Brasil. Por aqui, optou-se um outro grão, cultivado pelos povos originários desde antes da chegada dos invasores europeus: o milho. O “grão dourado”, como é conhecido o fruto do milho, foi e continua sendo a base alimentar de várias populações (Cascudo, 2016 / Guedes; Tuxen, 2020), sendo o milharal um documento do trabalho humano, uma vez que variedade doméstica dessa gramínea só se reproduz se for semeada.



**Revista Interdisciplinar**

A presença do milho nas festividades de São João ressalta a importância dos ciclos agrícolas e a dependência histórica das comunidades rurais sobre este cereal, fundamental para a alimentação e a economia local. Na Bahia e em outras regiões do Nordeste brasileiro, a colheita do milho coincide exatamente com as Festas Juninas (De Castro, 2012). Tal planta possui um significado profundo e multifacetado nas festividades juninas, simbolizando tanto a abundância agrícola quanto a continuidade das tradições culturais. Durante as celebrações de São João, o milho é transformado em uma variedade de pratos típicos, como pamonha, canjica, bolo de milho e mungunzá, que são preparados e compartilhados entre amigos e familiares, reforçando os laços comunitários (Lima, 2010; Santos *et al.*, 2020).

Com nostalgia, Lima (1953) relembra que, na Bahia, as noites de São João se transformavam em uma grande festa de casa aberta, onde havia acolhida a estranhos, na mais comovida expressão de solidariedade cristã (Góes, 1961). A celebração junina noturna se prolongava em cantoria pelo sertão afora, ao calor das fogueiras, “com o milho verde assado na brasa e o saborear da canjica da ceia, que só não era mais doce do que a memória que havia de ficar de certo beijo” (Lima, 1953).

Esse cereal não apenas destaca a generosidade da colheita de junho, mas também representa a fertilidade da terra e a gratidão das comunidades pelas bênçãos recebidas. Além de seu valor culinário, o milho está presente em diversos aspectos das festividades, desde as decorações até os rituais, sublinhando sua importância central na vida agrícola e cultural das regiões onde o festival de São João é comemorado. Assim, o milho se torna um símbolo de celebração, união e herança cultural, refletindo a rica tapeçaria de tradições e conhecimentos que são passados de geração em geração. Nas festas tradicionais de São João, o mastro com o estandarte do santo na ponta representa um cruzo cristão dos ritos ancestrais, tipo um ritual de fecundidade; no Brasil, comumente esses mastros são erguidos com espigas de milho amarradas, clamando por boas colheitas (Simas, 2022).

Entre as comidas típicas, a canjica se destaca como um prato doce preparado com grãos de milho, leite, açúcar e especiarias como canela e cravo, proporcionando uma sobremesa cremosa e reconfortante que é apreciada por pessoas de todas as idades. A pamonha, outro prato tradicional, é feita com massa de milho ralado, que pode ser recheada com queijo, coco ou carne, e cozida em folhas de milho, criando um alimento nutritivo e cheio de sabor, que remete às origens rurais da festa.

O bolo de milho, uma iguaria essencial nas Festas Juninas, é feito com milho, leite, ovos e açúcar, sendo muitas vezes enriquecido com leite condensado ou coco ralado, resultando em uma textura macia e um sabor doce e aconchegante. Por fim, o curau, conhecido em algumas regiões como mingau de milho, é preparado com milho verde, leite, açúcar e canela, e apresenta uma consistência espessa e cremosa que faz dele uma sobremesa adorada. Esses pratos não apenas realçam a versatilidade do milho na culinária brasileira, mas também simbolizam a abundância das colheitas de junho e a celebração das tradições culturais. Cada um desses alimentos carrega consigo histórias e técnicas passadas de geração em geração, fortalecendo a identidade cultural e comunitária durante o festival de São João. Além disso, destaca-se a importância das mulheres nas ações de cozinhar e realizar os preparativos para a celebração junina, simbolizando a união e a partilha, essenciais para o fortalecimento dos laços comunitários (Silva, 2010). Curiosamente, reza a tradição sertaneja que, para que a espiga seja colhida no dia de São João, em 24 de junho, o milho deve ter a semente plantada no dia de São José, 19 de março (Simas, 2022), tempo adequado para a planta florescer até as Festas Juninas (cf. Laws, 2013) e exatamente uma das épocas cientificamente mais recomendadas para o plantio na Região Nordeste (De Lima *et al.*, 2020).

O milho é, assim, base na alimentação nordestina e desempenha um papel crucial não só na gastronomia, mas também nas danças e músicas tradicionais, como a quadrilha, que celebram o ciclo agrícola e a vida rural. Durante as quadrilhas, é comum encontrar referências ao plantio e à colheita do milho, a exemplo do casamento entre os personagens como Rainha e Rei do Milho, celebrando a união de mais uma família, aliada à benção da colheita (Da Silva, 2020). De modo semelhante, também na culinária caipira o milho tem grande destaque (Mosquera, 2022).

Outrossim, o milho se torna um símbolo de celebração e agradecimento, representando a interdependência entre o ser humano e a natureza, e a continuidade das tradições que definem a identidade cultural das comunidades que celebram o festival de São João. Vale realçar que, além do paladar delicioso, na dieta humana o milho traz muitos benefícios. O consumo de milho ajuda a controlar o açúcar no sangue, reduz o colesterol e auxilia no bom funcionamento intestinal, além de, pela riqueza em carboidratos, fornecer energia ao organismo (Fernandes, 2022).

## 5. IMPACTO DAS MUDANÇAS MODERNAS

De acordo com Tofano *et al.* (2019), as festas de São João têm um impacto econômico significativo, impulsionando o turismo e o comércio local. A modernização e a mídia têm exercido grande influência nas tradições de São João, trazendo tanto mudanças quanto desafios à preservação das práticas culturais. Sendo assim, a festividade ganha espaço nos centros urbanos, onde foi transformada em grande espetáculo, com artistas de diversos locais, predominantemente do gênero sertanejo universitário, e bebidas diversificadas.

Nas cidades com Festas Juninas mais badaladas, há aumento significativo do fluxo de pessoas, especialmente nos dias 23 e 24 de junho, o auge festivo. No Nordeste brasileiro, dentre as cidades que polarizam o ciclo junino destacam-se Campina Grande, na Paraíba, e Caruaru, em Pernambuco, unidades conhecidas como tendo o “maior São João do mundo” e sendo a “capital mundial do forró”, respectivamente (De Castro, 2012).

No entanto, essa modernização também trouxe desafios para a preservação das tradições autênticas e das práticas comunitárias. A transição para ambientes urbanos pode diluir algumas das práticas tradicionais, como a preparação artesanal dos alimentos típicos e a organização comunitária das festividades. A influência da globalização também introduziu novos elementos e tendências que podem competir com as tradições locais, como a introdução de músicas e danças de outros estilos e a oferta de alimentos não tradicionais nas festas (Lima, 2010; Carvalho; Costa, 2022).

Outro desafio a ser enfrentado pelas comunidades rurais para manter práticas tradicionais de cultivo e celebração é a pressão para adotar métodos agrícolas mais intensivos e tecnológicos. Essas, muitas vezes, substituem as práticas tradicionais de cultivo e variedades de milho. O uso inadequado de fertilizantes químicos e agrotóxicos pode comprometer o solo e a qualidade das colheitas. Além disso, a modernização das práticas agrícolas frequentemente leva à perda de conhecimentos ancestrais e de técnicas que foram aperfeiçoadas ao longo de gerações, resultando na diminuição da diversidade agrícola e na erosão das tradições locais. Sendo assim, a Agroecologia e a Etnoecologia trazem o fortalecimento do campesinato e da biodiversidade (De Lima, 2020).

Iniciativas de preservação cultural e resgate das tradições de São João têm desempenhado um papel crucial na manutenção das práticas culturais e na valorização da herança histórica do festival. Uma das abordagens mais eficazes tem sido a organização de eventos comunitários que celebram as tradições juninas de maneira autêntica, como as festas de São João em áreas rurais e

**Revista Interdisciplinar**

urbanas. Esses eventos voltados à Economia Solidária frequentemente incluem a recriação de danças tradicionais como a quadrilha, a preparação de comidas típicas feitas com receitas antigas e a realização de rituais como a queima de fogueiras. A participação ativa de jovens e de novos membros da comunidade é incentivada para garantir a transmissão das tradições e a sua continuidade ao longo das gerações.

**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O milho desempenha um papel central no festival de São João, refletindo a profunda conexão entre práticas etnoecológicas e celebrações culturais. Esse cereal não apenas é a base de pratos típicos como pamonha, canjica e curau, mas também simboliza a abundância e a fertilidade que são celebradas durante as festividades. O cultivo agroecológico do milho destaca a sabedoria ancestral que integra o conhecimento sobre o meio ambiente com as necessidades culturais e alimentares. Sendo assim, é garantida uma produção agrícola que respeite e valorize a preservação da biodiversidade e da saúde do solo, ao mesmo tempo em que mantenha viva a tradição cultural das Festas Juninas.

Para Reza-Solis *et al.* (2024), a transmissão de conhecimentos tradicionais permite a compreensão, de forma mais ampla, do desenvolvimento das práticas agrícolas de subsistência, além de possibilitar a conservação dos recursos e a incorporação de novas alternativas de adaptabilidade às mudanças, sem deixar de lado o conhecimento científico, uma vez que ambos fornecem soluções para situações particulares. Assim, preservar as tradições relacionadas às Festas Juninas, festejo profundamente humano (Araújo, 1967), é crucial não apenas para a manutenção da continuidade cultural, mas também para promoção da sustentabilidade ecológica. No contexto atual de rápidas mudanças e globalização, as práticas tradicionais de cultivo e celebração enfrentam ameaças que podem levar à sua perda. A preservação das tradições de São João e dos métodos agrícolas ancestrais ajuda a reforçar a importância cultural e ambiental, ao conectar as comunidades com suas raízes e promover um estilo de vida mais equilibrado e respeitoso com a natureza. A valorização do milho e das práticas associadas às festividades contribui para a conservação do patrimônio cultural e ecológico, incentivando a continuidade de saberes que são vitais para a identidade e a resiliência das comunidades.

**Revista Interdisciplinar**

O estudo sobre as tradições juninas revela a importância de preservar essas manifestações culturais como forma de fortalecer a identidade regional e promover a coesão social. As festas juninas, com suas danças, músicas, comidas típicas e rituais, são um patrimônio imaterial que reflete a história e os valores das comunidades. Para garantir sua continuidade, é crucial implementar ações concretas, como a inclusão de conteúdos sobre tradições juninas nos currículos escolares, o apoio financeiro e logístico a grupos culturais e eventos locais, e a promoção de intercâmbios culturais que valorizem e difundam essas práticas. Além disso, a digitalização de registros históricos e a criação de museus ou centros culturais dedicados às festas juninas podem ajudar a preservar e divulgar esse patrimônio para as futuras gerações. Cada ação, desde a participação em festas locais até o apoio a políticas que favoreçam a preservação cultural e ambiental, é essencial para fortalecer a conexão entre o passado e o futuro, assegurando que o legado das festividades juninas e do cultivo do milho seja mantido e celebrado pelas futuras gerações.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Maria Zélia. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional – Volume 1: festas, bailados, mitos e lendas**. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.
- ARAÚJO, Miguel Almir. **Sertania: sabsenças de uma saga agridoce**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.
- CABRAL, Luiz Mors. **Plantas e civilização: fascinantes histórias da etnobotânica**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- CARVALHO, Bruna Franco Castelo Branco; COSTA, Claudiene dos Santos. Festas de São João: das origens à atualidade. In: RIBEIRO, Rita *et al.* (eds.). **Festividades, culturas e comunidades: patrimônio e sustentabilidade**. Braga: UMinho Editora, p. 73-93, 2022.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Religião do povo**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2011.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 1. ed. digital. São Paulo: Global Editora, 2012.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 1. ed. digital. São Paulo: Global Editora, 2016.

## Revista Interdisciplinar

DA-SILVA, Elidiomar Ribeiro; COELHO, Luci Boa Nova. Apresentação. In: DA-SILVA, Elidiomar Ribeiro; COELHO, Luci Boa Nova (eds.). V Mostra de Biologia Cultural - Olha a Cobra! **A Bruxa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. especial 3, p. 3, 2020.

DA SILVA, Joelma Ferreira. As principais personagens da quadrilha junina em Maceió: características e elementos estéticos. **Cadernos Cênicos**, Maceió, v. 2, n. 3, 1-14, 2020.

DA SILVA, Milton Vieira. **Festas populares e suas origens**. Curitiba: Editora Betânia, 2003.

DE CASTRO, Jaime Roque Barros. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das Festas Juninas no espaço urbano. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

DE LIMA, Clóvis Isaac Silva; SILVA, Fabrício Daniel dos Santos; DE FREITAS, Ismael Guidson Farias; PINTO, David Duarte Cavalcante; COSTA, Rafaela Lisboa; GOMES, Heliofábio Barros; SILVA, Ewerton Hallan de Lima; DA SILVA, Lindenberg Lucena; DA SILVA, Vicente de Paulo Rodrigues; SILVA, Bruce Kelly da Nóbrega. Método alternativo de zoneamento agroclimático do milho para o estado de Alagoas. **Revista Brasileira de Meteorologia**, São Paulo, v. 35, n. Especial, p. 1057-1067, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-778635500113>

DE LIMA, Jorge Roberto Tavares; DA SILVA, José Nunes. Cosmovisões e a construção do conhecimento agroecológico: um olhar sobre as festividades de São João no nordeste brasileiro. **Cadernos de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 5p., 2020.

FERNANDES, Carol. **De onde veio o milho?** Conheça a origem e benefícios do grão. Globo Rural. Disponível em: <https://globorural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2022/06/de-onde-veio-o-milho-conheca-origem-e-beneficios-do-grao.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

GÓES, Jayme de Faria. **Festas tradicionais da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1961.

GUEDES, Márcia D.; TUXEN, Maria da Glória. O milho humilha: considerações sobre a grande estrela das Festas Juninas. In: DA-SILVA, Elidiomar Ribeiro; COELHO, Luci Boa Nova (eds.). V Mostra de Biologia Cultural - Olha a Cobra! **A Bruxa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. especial 3, p. 33-34, 2020.

GUTH, Thomé L. F. 2019. **Análise mensal - Milho - Junho/julho de 2019**. CONAB. Disponível em: [https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-milho/item/download/28400\\_a7ac31374a6551d606bc8939e829427c#:~:text=Os%20Estados%20Unidos%20permanecem%20como,do%20colhido%20em%202018%2F19](https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-milho/item/download/28400_a7ac31374a6551d606bc8939e829427c#:~:text=Os%20Estados%20Unidos%20permanecem%20como,do%20colhido%20em%202018%2F19). Acesso em: 16 jul. 2024.

HUE, Sheila Moura. **Delícias do descobrimento**: a gastronomia brasileira no século XVI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAWS, Bill. **50 plantas que mudaram o rumo da História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A festa de São João nos discursos bíblico e folclórico**. Campina Grande: Editora da UFCG, 2010.



## Revista Interdisciplinar

LIMA, Herman. **Roteiro da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Saúde, 1953.

LIMA, Ricardo Gomes. **A palha que conta histórias**: o artesanato da palha de milho no sul do país. Rio de Janeiro: IPHAN / Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2006.

MOSQUERA, A. **Ano novo caipira**: uma celebração da fartura da colheita. Gama Revista. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/estilo-de-vida/comida-bebida/ano-novo-caipira-uma-celebracao-da-fatura-da-colheita/#:~:text=%E2%80%9CO%20m%C3%AAs%20de%20junho%20sem,sua%20import%C3%A2ncia%20nos%20festejos%20caipiras>. Acesso em: 19 jul. 2024.

MAIOR, Mário Souto. **Alimentação e folclore**. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1988.

MARQUES, L. M.; BRANDÃO, C. R. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7-26, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/33822>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MENDOZA, Luis Morayta Mendoza. El maíz en los tejidos de la vida. **El Tlacuache**, Morelos, n. 1126, p. 1-14, 2024.

MOURA JÚNIOR, James Ferreira; CARDOSO, Antônio Alan Vieira; RODRIGUES, Denise Costa; VASCONCELOS, Rayssa Moraes; XIMENES, Verônica Moraes. Práxis em psicologia comunitária: festa de São João como atividade comunitária. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 105-123, 2013.

OLIVEIRA, Marcela de; ROMERA, Liana; MARCELLINO, Nelson. Festa, lazer e religião: o caso da “Festa de São João” em Tupi, Piracicaba - SP. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 2, p. 303-310, 2011. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p303>

PEDRI, Marta A. **A dinâmica do milho (Zea mays L.) nos agroecossistemas indígenas**. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Florianópolis: Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

REBOUÇAS NETO, Mario de Oliveira; LEITE, Dreycielle Nunes Pereira; CAMPOS, Janaíra Rocha; VERAS, Caroline Leite; SOUZA, Ianiane Ribeiro; MONTEIRO FILHO, Luís Rodrigues. Crescimento inicial do milho sob diferentes concentrações e biofertilizante bovino. **Cadernos Cajuína**, v. 1, n. 3, p. 4-14, 2024. <https://doi.org/10.52641/cadcaj.v1i3.100>

REZA-SOLIS, Irad Jared; ROMERO-ROSALES, Teolincacihuatl; HERNÁNDEZ-GALENO, César del Ángel; VALENZUELA-LAGARDA, José Luis; JIMÉNEZ-LOBATO Vania. Saberes tradicionales en el cultivo de maíces nativos. **Revista Científica Biológico Agropecuaria Tuxpan**, Tuxpan, v. 12, n. 1, p. 167-178, 2024. <https://doi.org/10.47808/revistabioagro.v12i1.551>

ROCHA, Roberta Pouças Amarante; VAZ, Luciano Bernardo; CARVALHEIRA, Rodrigo Guerra. Festa Junina! Mas “junina” por quê?. In: DA-SILVA, Elidiomar Ribeiro; COELHO, Luci Boa Nova (eds). V Mostra de Biologia Cultural - Olha a Cobra! **A Bruxa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. especial 3, p. 13-14, 2020.

**Revista Interdisciplinar**

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. Interloções polissêmicas entre a etnomatemática e os distintos campos de conhecimento etno-x. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 63-97, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014000300004>

RUIZ, Corina Maria Peixoto. **Didática do folclore**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Papelaria América, 1983.

SANTOS, Maria Clara Leopoldino; MENDONÇA, Carolina Moser de; SHINORARA, Neide Kazue Sakugawa. Milho e o São João: identidade gastronômica. **Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 33-44, 2020.

SAUER, C. O. As plantas cultivadas na América do Sul tropical. In: RIBEIRO, B. G. (coord.). **Suma etnológica brasileira: etnobiologia**. 3. ed. Belém: Editora UFPA, p. 57-100, 1997.

SILVA, Vandeir José. Festa de São João: o papel da mulher na festa de caretagem e a culinária. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 23-31, 2010. <https://doi.org/10.18224/mos.v3i1.1823>

SIMAS, Luiz Antonio. **Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

TOFANO, Alana de Jesus.; COLNAGO, Juliana Andrade; SOUZA, Sérgio Pereira de. Impactos regionais, econômicos e culturais das festas juninas no Brasil. **ANAIS SINTAGRO**, Ourinhos-SP, v. 11, n. 1, p. 253-260, 2019.